

Artigo Original

INSTRUMENTOS CLÍNICOS: MANDALAS & DESENHO ESTÓRIA

CLINICAL INSTRUMENTS: MANDALAS & DRAWING STORY

Irene Gaeta⁸

Resumo: O objetivo do presente estudo é verificar se há alguma correlação entre o desenho da mandala e os aspectos avaliados no Desenho – Estória. O Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) foi desenvolvido por Walter Trinca em 1972, visando sua aplicação como instrumento auxiliar de diagnóstico.

Palavras chaves: mandalas; diagnóstico; desenho-estória.

Abstract: The aim of this study is to verify if there is any correlation between the design of the mandala and the aspects evaluated Drawing - Story. The Story-Drawing Procedure (DE) was developed by Walter Trinca in 1972, for their application as an aid to diagnosis.

Key words: mandalas; diagnosis; drawing-story.

Introdução

O objetivo do presente estudo é verificar se há alguma correlação entre o desenho da mandala e os aspectos avaliados Desenho – Estória. O Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) foi desenvolvido por Walter Trinca em 1972, visando sua aplicação como instrumento auxiliar de diagnóstico. É uma ferramenta subjetiva que reúne dois meios de comunicação: o desenho livre e a contação de histórias. Possui uma aplicação simples,

⁸ Psicóloga clínica, arteterapeuta, analista junguiana IJUS/AJB/IAAP, coordenadora Pós-Graduação em Psicoterapia Junguiana, Recursos Corporais e Artísticos, Psicogerontologia, Estudos Avançados Junguianos – UNIP Universidade Paulista.

em que a pessoa conta uma estória para cada um dos 5 desenhos que realiza. Permite que o indivíduo contate áreas sensíveis de sua psique, revelando conflitos e desconfortos emocionais frente ao espaço vazio de uma folha em branco, o que possibilita ao arteterapeuta uma visão da estrutura e da dinâmica psíquica do paciente. Faremos um estudo do D-E e sua aplicação dentro da perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Pioneiro na adoção da criação artística como parte do processo psicoterapêutico, Jung já entendia que o conhecimento das imagens internas, adquirido por meio da reflexão dessas imagens projetadas nas produções artísticas de seus pacientes, oferecia ao analista uma possibilidade de maior compreensão do psiquismo.

Jung considerava a mandala como um arquétipo de ordem, de integração e de plenitude psíquica, capaz de retratar o inconsciente num impulso instintivo de ordenação de um estado psíquico – configurando-se, assim, numa possibilidade de o ego entrar em diálogo com o inconsciente. Em suas pesquisas, ele observou que as mandalas podem surgir de forma espontânea quando a psique está em processo de reintegração, mas que também podem aparecer em momentos de desorientação psíquica, como forma de compensação.

A ideia que se introduz com o exercício proposto acima é a aproximação consciente do símbolo, promovendo um apaziguamento dos pensamentos e uma consequente entrada em estado meditativo, o qual irá alterar as estruturas neuronais do cérebro, como é comprovado por imagens de ressonância magnética funcional em diversas pesquisas sobre meditação. Isto irá estimular as emoções e sentimentos positivos e incrementar as capacidades da mente e diminuir o estresse.

Segundo Gaeta (2010), a criação espontânea de cor e forma dentro de um círculo pode deflagrar aspectos da personalidade ao desvendar a linguagem simbólica da

mandala. No contexto terapêutico, o uso das cores conduz à reconstrução do código subjetivo.

É essencial, portanto, observar quais são os tons usados com frequência, aqueles cuja ausência é obstinada, assim como os que provocam reverberações e potencializam associações com experiências vividas (GAETA, 2004, 2005, 2006, 2007, 2010).

A mandala geralmente se refere a qualquer forma de arte que é executada dentro de um contexto circular. Tem se tornado um ótimo instrumento terapêutico com numerosas populações e ambientes (terapêuticos), incluindo: esquizofrenia e desordens psicóticas, desordens dissociativas (Cox & Cohen, 2000), desordem de hiperatividade e déficit de atenção (SMITHDERMAN-BROWN & CHURCH, 1996) e pacientes com demência (COUCH, 1997). Há também a tentativa de usar mandalas como instrumento diagnóstico e formalizar a análise da mandala para se tornar um processo mais objetivo (KELLOG, MACRAE, BONNY, & DI LEO, 1977; KELLOGG, 1978).

Alguns estudos formalizaram o uso das mandalas como instrumento diagnóstico no simbolismo terapêutico (KELLOG et al., 1997). Embora a maioria das pesquisas sobre os aspectos curativos dos desenhos de mandalas fosse limitada a estudos de caso e observações clínicas (COUCH, 1997; KELLOGG ET AL., 1997; SMITHERMAN-BROWN & CHURCH, 1996), os resultados apresentados foram promissores.

Um destes estudos foi conduzido por Fox e Cohen (2000), que examinaram os padrões em um trabalho artístico em mandala, produzido por um indivíduo diagnosticado com Desordem de Identidade Dissociativa (DID). A maioria destes indivíduos tem vergonha, secretamente, por abusos sofridos na infância, achando-se inábeis para discutir informações delicadas em relação ao abuso. Codificando o simbolismo dos eventos traumáticos, o desenho permite aos pacientes a possibilidade de mantê-los em segredo

(tanto em relação a seus terapeutas, quanto em relação a si mesmos), embora os revelem, simbolicamente, o que promove a sua superação (Cohen & Cox, 1995).

Outro estudo de M. H. Slegelis (1987) procurou examinar o princípio de Jung que diz que desenhar dentro da forma circular da mandala promove cura psicológica. Os resultados sugerem que tais desenhos podem ser úteis como instrumento clínico.

O inconsciente é a fonte e direção de toda a consciência humana. É a fonte criativa de tudo o que evolui para a mente consciente e para a personalidade total de cada ser humano. É por meio da matéria-prima não elaborada do inconsciente que a mente consciente se desenvolve, amadurece e se expande para absorver o conjunto de qualidades potenciais que todo indivíduo tem em si. A consciência é compreendida, assim, como um “campo”, como a personalidade que conhecemos e vivenciamos.

Quando o conteúdo inconsciente encontra-se bloqueado ou retido pelos mecanismos de defesa, traumas, somatizações, ou stress, isto provocará um aumento do nível energético do inconsciente e a possibilidade de emergência de um novo símbolo, permitindo a transformação da estrutura da consciência e a assimilação do conteúdo inconsciente, que, anteriormente, não podia ser assimilado. O uso de desenhos de mandalas pode traduzir a expressão de conteúdos do inconsciente, configurando-se como instrumento de intervenção psicológica, o que os torna um instrumento clínico importante, por possibilitar a compreensão do sujeito.

Mandalas

Mandala é uma palavra sânscrita que significa “círculo”. O círculo é a forma perfeita. A mandala, portanto, refere-se a uma figura geométrica com subdivisões mais ou menos regulares, em quatro ou em múltiplos de quatro que, segundo Carl Gustav Jung, expressa

a totalidade do universo e da alma humana, que se irradia de um centro – o âmago da psique, que Jung chamou de Self (JUNG, 2001).

O círculo é um ponto estendido que congrega o centro, a cruz e o quadrado em si. O ponto e o círculo possuem propriedades simbólicas comuns: perfeição, homogeneidade, ausência de distinção ou de divisão, simbolizando o mundo. Jung mostrou que o símbolo do círculo é uma imagem arquetípica da totalidade da psique, o símbolo do Self, ao passo que o quadrado é o símbolo da matéria terrestre, do corpo e da realidade. O círculo é um símbolo de proteção assegurada dentro de seus limites.

O quadrado é uma das figuras geométricas mais frequentes e universalmente empregadas na linguagem dos símbolos. É um dos quatro símbolos fundamentais, juntamente com o círculo e a cruz. A cruz inserida no quadrado é a expressão dinâmica do quaternário. O círculo e o quadrado simbolizam dois aspectos fundamentais: a unidade e a manifestação. Nas relações entre o círculo e o quadrado, existe uma distinção e uma conciliação. Portanto, o círculo será para o quadrado aquilo que o céu é para a terra, a eternidade para o tempo, embora o quadrado se inscreva dentro de um círculo.

Segundo Jung (2001), a mandala pertence ao domínio dos símbolos religiosos mais antigos da humanidade e, talvez já existisse desde a era paleolítica. Está presente nos desenhos rupestres Rodesianos. O símbolo da mandala é uma das mais importantes fontes para a objetivação das imagens inconscientes. Sua função é proteger o centro da personalidade, o lugar sagrado, de invasões e influências exteriores. Assim, por exemplo, ele considera a mandala tibetana, com um trovão no centro e oito pétalas, como o símbolo da libido: "... se querem visualizar a fonte de libido ou energia inconsciente, essa seria a imagem adequada." (JUNG, 2001, p. 15)

As mandalas são a expressão simbólica da vida, do crescimento a partir de um ponto alimentador que fornece energia a um todo. É um vai e vem constante entre o interior e o exterior do movimento vital de todo o ser, que oscila constantemente entre a expansão, a exploração e a volta ao centro, para aí encontrar a fonte de energia, integrar os dados recebidos e organizar uma nova investigação. É a força centrífuga, que leva o ser humano para a exploração, e a força centrípeta, que traz o indivíduo para a introspecção (HORSCHUTZ, 2010).

É um modelo da jornada da alma, cujo percurso se move da periferia para o centro, em busca da apreensão da totalidade.

O sistema límbico do cérebro, incluindo a amígdala, responsável pela memória, traumas, música, entonação verbal, metáforas, também responde a símbolos com um contexto emocional, tais como ícones, mandalas e arte. A amígdala associa emoções com símbolos. Ela recebe informações do córtex e as integra em informações sensoriais externas e internas, o que resulta na experiência de realidade do indivíduo. (CARRUTHES, 2009, apud HORSCHUTZ, 2010, p. 20).

Ter o domínio da universalidade da imagem é muito importante para os terapeutas que utilizam as metodologias expressivas da psique.

As imagens que surgem na consciência dos pacientes, através do trabalho do trabalho lúdico presente na criação das mandalas, contribuem para organizar a história individual e integrar a psique.

Na cultura oriental, a mandala representa a condição perfeita, a finalização de tudo. Em sua representação, o centro é absoluto. Há um círculo com quatro portões que rompem o muro protetor para permitir a entrada e a saída da libido. As portas são idênticas às quatro funções de orientação do Ego: pensamento, sentimento, intuição, sensação (JUNG, 2001).

É possível então, com experiência e certa dose de sensibilidade, alcançar o sentido profundo das imagens com alta carga afetiva, desenhadas ou pintadas pelo paciente.

Jung lembra-nos que o fato de tais imagens, em certas circunstâncias, terem efeito terapêutico considerável sobre seus autores, é empiricamente comprovado, além de ser compreensível, posto que representam, não raro, tentativas ousadas de ver e reunir opostos aparentemente inconciliáveis e vencer divisões aparentemente intransponíveis. Jung afirma ainda que a simples tentativa nessa direção usualmente apresenta efeito curativo.

A pintura pelo próprio paciente produz efeitos incontestáveis, embora esses efeitos sejam difíceis de descrever. Basta, por exemplo, que um paciente perceba que, por diversas vezes, o fato de pintar um quadro o liberta de um estado psíquico deplorável, para que ele lance mão desse recurso cada vez que seu estado piora. O valor dessa descoberta é inestimável, pois é o primeiro passo para a independência, a passagem para o estado psicológico adulto. Usando esse método – se me for permitido usar este termo – o paciente pode tornar-se independente em sua criatividade. Já não depende dos sonhos, nem dos conhecimentos do médico, pois ao pintar-se a si mesmo – digamos assim – ele está se plasmando. (JUNG, 1985 p. 46)

Para Jung a imagem e seu significado são idênticos, e à medida que a primeira assume contornos definidos, o segundo se torna mais claro. A forma assim adquirida, a rigor, não precisa de interpretação, pois ela própria se basta e descreve o seu sentido.

Jung percebeu que a estrutura da psique humana está formada em torno de determinados “arquétipos” (ou conjuntos de símbolos) e que as raízes fundamentais desses arquétipos alcançam as profundezas do inconsciente coletivo da humanidade. Ele descreve a mandala como o símbolo do centro, da meta, do Self, enquanto totalidade psíquica que corresponde à centralização da personalidade.

Atualmente Abuhoff (2009) et al da Hofstra University NY USA, publicaram um artigo sobre sua pesquisa com desenhos de Mandala como instrumento de avaliação para

mulheres com câncer de mama. O estudo integra a terapia da arte e sua relação com o monitoramento não invasivo de pacientes com câncer de mama, na relação com a saúde e o estado emocional, interpretado como tratamento e acompanhamento. Catorze mulheres diagnosticadas com câncer de mama foram convidadas a criar desenhos de mandala em cada consulta médica. Durante cada visita, às participantes foram oferecidas uma placa branca com um contorno de círculo preto e 15 lápis de cores. Quatro avaliadores independentes examinaram 39 Mandalas para o uso da cor, a pressão da linha e consistência. Doze das catorze participantes, com base na avaliação da Mandala, mostraram uma correlação entre o seu estado físico e seu desenho.

Os resultados sugerem que os desenhos de Mandala são úteis como um instrumento de avaliação. Esta abordagem pode orientar o médico na apreensão de informações valiosas que podem ser bloqueadas por processos conscientes.

Carl Gustav Jung, (1875-1961) descreve a mandala em sua obra como um criptograma do self.

O desenho de mandala permite o acesso a conteúdos conscientes e inconscientes do indivíduo. O que os diferencia é a organização dada a priori. Sugere-se que o sujeito responda um estímulo externo, graficamente organizado, e observam-se seus mecanismos de adaptação a uma ordem que contém centralização e eixos. Pode-se, assim, verificar o máximo de organização possível para aquela psique naquele momento, à medida que se propõe uma organização externa que contempla o círculo – o centro, o limite e o quadrado (representado pela folha de papel) - possibilitando orientação segundo os eixos horizontal e vertical.

A localização, ou seja, a perspectiva pode ser vista como uma medida da compreensão do indivíduo.

- Quadrantes - verificar a localização horizontal e vertical no desenho do círculo, de acordo com Buck (2003) um planejamento das relações espaciais no desenho indica a capacidade do indivíduo para compreender e reagir com sucesso a aspectos mais complexos, mais abstratos e mais exigentes da vida. Do ponto de vista dos quadrantes, duas questões se sobressaem. Primeiro, o quadrante superior esquerdo (particularmente seu canto extremo superior esquerdo) é o “quadrante da regressão”. Indivíduos com deterioração psicótica ou orgânica muito frequentemente localizam seus desenhos nesse quadrante, assim como indivíduos que não atingiram, um alto nível de maturidade conceitual.
- Uso do espaço – Os desenhos geralmente estão de frente para o observador, mas com uma sugestão de profundidade ou, alternativamente, são desenhados em perfis parciais. Para Buck (2003) a ausência de qualquer sugestão de profundidade sugere um estilo rígido e intransigente, que compensa sentimentos de inadequação e insegurança.
- Tipo de traço – Falhas na coordenação motora sugerem um desajustamento funcional da personalidade ou uma desordem do sistema nervoso central. Para Buck (2003) traçados fortes, desenhados com linhas pretas fortes sugerem tensão quando usadas em todo o desenho. Traçados extremamente leves usados em todo o desenho indicam sentimento de inadequação indecisão.

No Brasil, Nise da Silveira que foi pioneira no trabalho com Mandalas junto a pacientes esquizofrênicos. No início dos anos 1950, ela criou a Casa das Palmeiras, que promovia a participação de pacientes do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro em atividades artísticas. Criou ainda o Museu de Imagens do Inconsciente, com o objetivo de

oferecer aos pesquisadores condições para o estudo de imagens e símbolos produzidos espontaneamente, em oficinas de arte, por pacientes – na maioria esquizofrênicos.

Nise da Silveira manteve contato com Carl Jung durante anos. A ambos intrigava a recorrência de imagens de Mandalas na produção artística de esquizofrênicos. Da troca de experiências e análises entre os dois estudiosos resultou uma exposição com pinturas e modelagens de pessoas esquizofrênicas que ocupavam as sessões de terapia ocupacional no então Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (atual Hospital Pedro II) no II Congresso Internacional de Psiquiatria realizado em Zurique, na Suíça, em 1957. Ao retornar do Congresso, Nise iniciou os trabalhos do Grupo de Estudos C. G. Jung, que promoveu seminários, publicações (a revista Quatérnio) e pesquisas.⁹

Um depoimento da psiquiatra brasileira ilustra de forma clara sua maneira de pensar:

Jung já dizia que nós vivemos entre dois mundos: externo, percebido pelos sentidos, e interno, inconsciente, reino de imagens nem sempre verbalizáveis. Acossado no mundo externo, o indivíduo encontra como saída a porta da loucura (...) a tarefa da terapêutica ocupacional é oferecer atividades que permitam a expressão do não verbalizável, é desenvolver as sementes criativas que se mantêm em todo o indivíduo, porque o impulso a renascer é espantosamente resistente no ser humano.¹⁰

Entretanto, Nise da Silveira não acreditava, como Jung, que a esquizofrenia era doença que precisava de tratamento medicamentoso. No seu entender, o esquizofrênico lutava para criar uma ponte afetiva com o mundo – o que se comprovava em seus trabalhos artísticos e em sua relação com os animais. Assim, era função do psiquiatra se concentrar na metalinguagem do esquizofrênico, e entender o significado dos seus símbolos. Nesse sentido, ela escreveu:

⁹ Cf. SILVEIRA, N.G. da. Casa das Palmeiras. A emoção de lidar. Uma experiência em psiquiatria. Rio de Janeiro: Alhambra. 1986. Também: SILVEIRA, N. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 1992.

¹⁰ DUQUE ESTRADA, M. I.. 'Nise da Silveira'. In: Revista Ciência Hoje. n. 34. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 1987.

O contato, a comunicação com o psicótico, terá um mínimo de probabilidade de efetivar-se (...) no nível verbal das nossas habituais relações entre pessoas. Isso só ocorrerá quando o processo de cura já se achar bastante adiantado. O médico que deseje comunicar-se e compreender o seu doente terá de partir do nível não verbal.¹¹

Pesquisadores do campo das técnicas projetivas estabeleceram significados específicos para os símbolos, o posicionamento no papel, a escolha das cores e outros elementos. A partir dos desenhos efetivamente coletados, categorias de análise serão definidas e priorizadas, sabendo que esta é uma primeira abordagem que não esgota o tema.

Considerações finais

O D-E e o desenho de mandalas podem dar referência e contorno às experiências de ampliação de consciência, pois permite um distanciamento do fenômeno, o que permite avistar, de fora, novas paisagens de velhas situações. Há nessas vivências uma objetividade que torna possível organizar a experiência, na qual a própria expressão é, por si só, curativa. É possível perceber este processo como uma espiral que muda de nível conforme a consciência do indivíduo vai se expandindo e se estruturando. Sabemos, pelas conquistas da psicologia, que a origem dos transtornos psíquicos encontra-se na impossibilidade de integração de conteúdos do inconsciente à consciência.

As imagens que emergem no processo do D-E são manifestações do self, o centro e a totalidade da psique. Por meio da expressão plástica, os símbolos do inconsciente cooperam para a autorregulação do equilíbrio da totalidade, compensando atitudes

¹¹ SILVEIRA, N.G. da. Terapêutica Ocupacional - Teoria e Prática, Casa das Palmeiras, Rio de Janeiro, s/d. p. 17.

unilaterais que não estão adequadas ao todo da psique, o que por vezes ameaça as necessidades vitais da pessoa. Essa compensação é exercida através de elementos que faltavam à consciência, que a completam ou que contrastam com ela.

Jung (1995) reconheceu na teoria das compensações uma regra fundamental do comportamento psíquico: a insuficiência num ponto cria excesso em outro ponto. Ao travar um diálogo interior com as imagens, o ego deixa sua posição passiva e interage com elas, ou estabelece uma relação com o inconsciente que não envolve a linguagem. Ao abrir espaço para o não racional, o ego sai da situação narcísica do espelhamento, dando oportunidade à mudança.

Deixar fluir as imagens, e se confrontar com elas, são atos geradores de movimento em via de mão dupla: há uma modificação e uma nova configuração. Trata-se de uma modificação que também modifica o sujeito. Para isso, não é necessário levar a imaginação até a solução dos problemas. Basta evidenciar as imagens para que sejam vividas, para que possa haver a compreensão da maneira pela qual elas influenciam os sentimentos. Assim se desenvolve competência para lidar com os temas constelados na psique. Em outras palavras, o Desenho-Estória promove o encontro entre pensamento e sentimento, rompendo a dualidade da experiência do mundo interno com o mundo externo.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 26 de Novembro de 2015.

Referências

CASTILHO, I.; **Os incríveis efeitos da meditação no cérebro e na psique**; <http://caminhodomeio.wordpress.com/2008/06/04/os-incriveis-efeitos-da-meditacao-no-cerebro-e-na-psique/> acesso em 29/03/2011

COHEN, B.; COX, C. Mandala Artwork by Clients with DID: Clinical Observations Based on Two Theoretical Models. In: **Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association**, v. 17, n. 3., p. 195-201. Disponível: <http://www.citeulike.org/user/amandaalders/author>. Acesso em 29/03/2011

COHEN, B. M.; COX, C. T. Self-hypnotic process and imagery in post-traumatic and outsider art. **The Arts in psychotherapy**, v. 28, n. 4, p. 233-237, 2001.

COUCH, J.B. Behind the Veil: Mandala Drawings by Dementia Patients. In: **Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association**, v 14 n 3 p 187-93 1997. Disponível: <http://eric.ed.gov.org>. Acesso em 30/03/2011.

GAETA, I. A. **Memória Corporal – O simbolismo do corpo na trajetória da Vida**. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 2004a.

GAETA, I. A. (Org.). **Arteterapia de Corpo e Alma**. Coleção Arteterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004b.

GAETA, I. A. **Técnicas Expressivas Coligadas a Trabalho Corporal**. In: **Revista Hermes**, n. 9. Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2004c.

GAETA, I. A. **Psicologia Transpessoal, Arteterapia e Calatonia**. In: **Revista Hermes**, n.10 Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2005.

GAETA, I. A. **Arteterapia: Um Novo Campo do Conhecimento**. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 2006.

GAETA, I. A. **Psicoterapia Junguiana – Novos caminhos na clinica – O uso de mandalas e Calatonia**. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 2010

GAETA, I. A. (DIBO) **Arteterapia e Mandalas uma abordagem Junguiana**; São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 2010

GIEGERICH, W. **The ego-psychological fallacy**. In: *Journal of Jung Theory and Practice*, v. 7, 2005.

HORSCHUTZ, R.W.; **O Símbolo da Mandala no Sandplay**, monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de terapeuta de Sandplay pela ISST, International Society for Sandplay Therapy, Suíça, 2010.

JUNG, C. G. **Estudos Sobre Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 1976

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XV. Petrópolis, Vozes, 1985.

JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. Obras Completas de C. G. Jung. v. 5. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. Obras Completas de C. G. Jung. v. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Obras Completas de C. G. Jung VII/1. Petrópolis: Vozes, 1995.

- JUNG, C. G. **A Vida Simbólica**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XVIII/1. Petrópolis:Vozes, 1997.
- JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. Obras Completas de C. G. Jung. v. XVI/1 Petrópolis: Vozes, 1981.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XI/5. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. Obras Completas de C. G. Jung. v. V. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. **Aion: estudos sobre o simbolismo de Si-mesmo**. Obras Completas de C. G. Jung. v. IX/2. Petrópolis:Vozes, 2001.
- JUNG, C. G. **Eu e o Inconsciente**. Obras Completas de C. G. Jung. v.VII/2. Petrópolis: Vozes, 2007.
- JUNG, C. G. **A Energia Psíquica**. Obras Completas de C. G. Jung. v.VIII/1. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras Completas de C. G. Jung. v. IX/1 Petrópolis: Vozes. 2001
- JUNG, C. G. e WILHEIM, R.. **O segredo da flor de ouro**: um livro de vida chinesa. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SANDOR, P. **Técnicas de Relaxamento**. São Paulo: Vetor, 1982.
- SILVA M.C.V.M. **Técnicas projetivas gráficas e o desenho infantil**. In Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica/Anna Elisa de Villemor-Amaral, Blanca Suzana Guevara Werlang, organizadoras. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.